



Loja Independente de Teosofistas

Os Princípios Básicos do CPED

**Linhas Gerais de Trabalho do Círculo
de Pesquisa e Estudo Sobre Discipulado**

Carlos Cardoso Aveline



“Antes de Desejar, Faça por Merecer”
(Helena P. Blavatsky, em “Chelas e Chelas Leigos”)

Sumário

1. Linhas Gerais de Trabalho	03
2. As Sete Cláusulas de Um Compromisso	13
3. Examinando Sete Perguntas	21
4. Comentários Finais	23

Este é um caderno de estudos do Círculo
de Pesquisa e Estudo sobre Discipulado,
CPED. Primeira edição, abril de 2016.
Segunda edição, atualizada, junho de 2018.
Terceira edição, atualizada: 21 dezembro de 2025.

1.Linhas Gerais de Trabalho

Desde 1875, a força última e a resistência interna do movimento teosófico são dadas por pessoas que decidiram solenemente buscar o discipulado junto aos Mestres de Sabedoria. Estes indivíduos alimentam a vida interna do projeto.

As diferentes escolas de pensamento teosófico possuem graus variados de eficiência e nitidez pedagógica em seus enfoques do tema do discipulado.

O estudo e a experiência direta mostram que, de um modo geral, as escolas esotéricas enrijeceram-se e fracassaram. Para avançar criativamente no século 21, o movimento teosófico necessita de um marco referencial renovado, vivo e não-burocrático.

Em qualquer tempo e lugar, o que distingue os aspirantes ao discipulado é que eles assumiram um compromisso com os seus próprios eus superiores no sentido de tomar providências para serem, cedo ou tarde, discípulos daqueles Seres que se libertaram do atual reino humano através do cumprimento da Lei Universal, e no entanto decidiram permanecer ligados à humanidade e ao sofrimento da onda de vida deste planeta, apenas para cumprirem os seus votos de compaixão universal.

Alguns destes seres sábios fundaram o movimento teosófico no século 19 através de diversos discípulos, o principal dos quais foi Helena Blavatsky.

Seguindo a realidade geral do movimento teosófico, a Loja Independente vê a busca do discipulado como a sua referência mais importante. A âncora que sustenta o esforço individual e coletivo é Antahkarana.

A decisão da busca consciente do discipulado leigo - o único que está à disposição da humanidade desde 1900 - é a mais forte, prudente, eficaz e segura forma que conhecemos de acelerar a expansão de antahkarana.

A prática pedagógica da Loja Independente de Teosofistas é transparente. Toda ela está voltada para a autocompreensão. Ela aposta na autonomia, no autorrespeito, no autoconhecimento e no autocontrole do aprendiz. O indivíduo é visto como o centro do círculo de Pascal.

O Discipulado Segundo a LIT

Nossos livros e websites apresentam de modo documentado um claro enfoque e uma aproximação definida à busca do discipulado. Para o CPED, a

tarefa constitui o âmago do movimento e o ponto central elevado da vida de cada teosofista.

Veja ao final do presente texto uma Lista Parcial de artigos sobre discipulado, disponíveis em nossos ambientes online.

O artigo mais importante para o tema em si do CPED é **“As Sete Cláusulas de um Compromisso”**.

Quase tão centrais quanto ele são **“Os Sete Princípios da Consciência”**, **“Os Sete Princípios do Movimento”**, **“Antahkarana, a Ponte Entre Céu e Terra”**, **“A Escada de Ouro”**, **“Comentários à Escada de Ouro”** e **“A Força de um Compromisso Sagrado”**. Cabe registrar uma eficaz possibilidade prática ao alcance do estudante: memorizar e recitar meditativamente a Escada de Ouro. Este procedimento ajuda o estudante a manter o foco, conforme o processo narrado no artigo **“A Biblioteca da Alma”**.

É correto destacar também os artigos **“Uma Escola Esotérica de Três Mil Anos”**, **“Como Encontrar o Mestre”**, **“O Caminho do Aprendizado - Parte I”** e **“O Caminho do Aprendizado - Parte II”**. Alguns aspectos ocultos decisivos da proposta original da Escola Esotérica no século 19 são abordados no artigo **“Longfellow e o Ensino Esotérico”**.

A edição **“The Aquarian”** do livro **“Luz no Caminho”** é a primeira desde 1885 a discutir o discipulado mostrando os erros da obra desde o ponto de vista que HPB revelou em cartas individuais, mas não em público, enquanto viveu. A edição é, pois, uma peça-chave da nossa proposta de visão do discipulado.

“Luz no Caminho” e **“A Voz do Silêncio”** são obras centrais sobre discipulado, e cuja fonte é fundamentalmente a mesma: os *ashrams* dos Mestres.

A origem dos dois livros é abordada no prólogo da nossa edição luso-brasileira de **“Luz”**. Nossa tradução completa de **“A Voz do Silêncio”** está publicada online.

O Compromisso do Estudante

O compromisso do membro do CPED é feito consigo mesmo, e envolve antahkarana. O juiz e avaliador do compromisso é o próprio estudante, em sua consciência mais elevada.

Os colegas de CPED constituem testemunhas solidárias, o que é extremamente importante, mas não implica uma interferência em sua autorresponsabilidade.

Ivan Il'in e a Consciência do Compromisso

O CPED não tem uma prática diária fixa ou estudo regular recomendado de modo rígido. Não possui uma “estrutura” organizativa. Nele ninguém dá ordens a alguém. Ele funciona pelo critério da afinidade e segundo o princípio da acumulação inteligente de experiência.

Cabe a cada um estruturar o seu esforço. A disciplina diária tem como centro e origem o antahkarana individual. É fortemente recomendado, no entanto, que o estudante tenha um caderno ou arquivo de anotações sobre seu aprendizado e escreva nele com regularidade.

Compartilhar registros e pontos de vista, nos termos do artigo **“Aprendendo Com Cada Detalhe da Vida”**, é uma prática útil; assim como ler o artigo **“A Arte de Fazer Anotações”**.

O texto **“Nossa Semana e o Sistema Solar”** é uma ferramenta para o CPED. Contém diversas informações oriundas de material escrito por HPB especificamente para a Escola Esotérica criada por ela.

O Círculo de Pesquisa pode ser definido como a atmosfera comum dos que assumiram de modo consciente, perante a sua consciência individual, o compromisso de sete cláusulas. O que define esta atmosfera é a consciência que as pessoas têm de que são colegas de voto.

O CPED constitui um âmbito parcialmente intangível de troca de testemunhos, insights e ideias. Há nele um campo telepático involuntário maior do que as aparências indicam, inclusive nos seus aspectos probatórios. Veja-se a esse respeito os textos **“Telepatia, a Comunicação Silenciosa”**, **“A Sala de Espelhos”**, **“A Magia da Ajuda Mútua”** e **“Sobre Contatos com Mestres”**.

Cabe ler, meditativamente, o texto **“Examinando Sete Perguntas”**.

As mensagens por escrito que são partilhadas entre os membros do CPED não possuem necessariamente uma periodicidade rígida ou tema fixo. O compromisso é o seu centro. O silêncio é importante. Palavras, estruturas, procedimentos, são fatores fundamentais, altamente magnéticos, mas não podem substituir a consciência do compromisso. Podem estimulá-la.

A consciência do voto feito equivale ao conceito de “consciência legal” ou “consciência da lei” de que fala o filósofo russo Ivan A. Il'in. É a consciência da Lei Universal (a harmonia com o eu superior) tal como inscrita na alma de cada um.

(Veja sobre Il'in o artigo **“Ivan Il'in e a Consciência Legal”**.)

O Uso de Linguagem Direta

No CPED, procuramos compensar a amabilidade fraterna e a boa vontade com uma dose significativa de franqueza impessoal. Nos procedimentos envolvendo busca de discipulado, consideramos que mais vale a clareza desagradável do que alguma situação não bem compreendida.

A Aceleração do Carma

O aumento da visibilidade de desafios pessoais, profissionais ou familiares é ironicamente uma espécie de “selo de garantia” da autenticidade dos passos dados. Decorre de uma mudança de substância no carma pessoal (e familiar), uma purificação, originada por uma ligação superior sutil, agora reforçada.

Muitas vezes, também, já antes de a pessoa descobrir a teosofia o eu superior está desinteressado dos cenários vivenciais que não têm teosofia. Este “vazio” prévio abre espaço para a descoberta, ou redescoberta, da filosofia original.

A Amizade com o Eu Inferior

Encontramos com alguma frequência na literatura teosófica clássica a ideia de “domar o eu inferior”.

Ela pode ser incorreta se o significado for “derrotar” ou “eliminar” o eu inferior. Cabe ler a respeito os artigos “**O Respeito pelo Eu Inferior**”, “**Os Dois Lados da Alma Mortal**” e “**O Eu Inferior Como Instrumento**”. Este último foi publicado pela primeira vez em “O Teosofista” de fevereiro de 2016.

A tarefa é trazer as buscas e limitações do eu inferior para um ambiente mais amplo, mais alto, mais elevado, mais claro, no qual a ignorância se desmanche pouco a pouco.

O eu inferior não é o adversário. É um amigo a quem trazemos, com os seus defeitos, para um ambiente melhor, em que os obstáculos são gradualmente superados.

Cabe estimular e ampliar os setores do eu inferior que ajudam na busca do discipulado, e acalmar os que boicotam.

A compreensão dos movimentos do egoísmo no mundo subjetivo do aspirante à sabedoria faz com que estes movimentos, desmascarados, percam força.

A Sensação de Isolamento

Se um binóculo é ajustado para olhar montanhas distantes e elevadas, seu foco não funciona tão bem para aquilo que está próximo.

À medida que o estudante avança, antigos amigos se afastam, velhas relações perdem sentido ou necessitam uma gradual transmutação, e um sentimento de isolamento e solidão pode ser acentuado. Este é um preço a pagar por sair do círculo magnético da ignorância organizada, buscando por ar mais puro.

Quando os pulmões psíquicos e espirituais do aprendiz se ajustam a uma atmosfera mais elevada, eles passam a funcionar mal em níveis inferiores de atmosfera. Isso leva o aprendiz a firmar ainda mais a sua caminhada, passando a respirar o tempo todo em uma atmosfera diferente da rotina mental da civilização de hoje.

Em outras palavras, a sensação de “isolamento” é parte do processo de crescimento, mas há ao lado disso um outro sentido de acompanhamento mais profundo, que passa pelo eu superior e pelos setores do eu inferior que respondem à alma imortal.

Na vida doméstica do aspirante à sabedoria, o respeito mútuo é central. Amar profundamente é um talento a ser aprofundado. Uma vida social baseada na superficialidade não pode ser imposta a um teosofista. Mas a afinidade de coração transcende diferenças de atitude diante da sociedade atual. A vida familiar só tem a ganhar se cada um respeitar a si mesmo, além de respeitar o outro. É decisivo observar em paz e rigorosamente o modo como os elementais inferiores da vida doméstica, que são contrários à busca do discipulado, procuram cegar o aprendiz, induzi-lo a erro, e ameaçar sua trajetória em direção à luz. Eles fazem isso das maneiras que o estudante menos espera: a vigilância dele deve crescer constantemente.

O Radar dos Mestres

Cabe investigar a relação oculta - isto é, superficialmente invisível - entre o trabalho da Loja Independente e outros esforços semelhantes, de um lado; e os Mestres de Sabedoria, de outro lado.

É importante ponderar com calma, por exemplo, sobre o artigo “**Examinando Sete Perguntas**”, que define bem o foco e a natureza do CPED do ponto de vista técnico.

Outro texto significativo para o enfoque do discipulado na proposta do CPED é “**O Observatório de Luxor**”.

Há alguns trechos das Cartas dos Mestres em que fica claro que eles não têm tempo ou interesse em grupos e associações incapazes de pensar na humanidade em seu conjunto, ou tendentes a fechar-se na busca da autopreservação. Uma destas passagens está na chamada “Carta do Maha-Chohan”, na verdade um informe sobre conversa entre um Mestre e o Maha-Chohan. Diz a carta:

000

O mundo em geral, e especialmente a cristandade, abandonado por dois mil anos ao regime de um Deus pessoal, bem como a seus sistemas políticos e sociais baseados nessa ideia, provou agora ser um fracasso. Se os teosofistas dizem: “Nada temos com tudo isso....” - o que acontece com nossas belas declarações sobre benevolência, filantropia, reforma etc.? Serão tais declarações falsas? E se forem falsas, poderá a nossa senda ser a verdadeira? Não deveríamos nos dedicar a ensinar a alguns poucos europeus, que vivem na abundância (.....) - a explicação racional dos fenômenos de campainhas soando no ar, da materialização de xícaras, do telefone espiritual e da formação do corpo astral, e deixar os numerosos milhões de ignorantes, de pobres e desprezados, humildes e oprimidos, tomar conta de si mesmos e de sua vida futura da melhor forma possível que puderem? Nunca! Antes pereça a S.T. [isto é, o movimento teosófico], (...) do que permitirmos que ela se transforme em mera academia de magia, um centro de ocultismo. Que nós, os devotados seguidores daquele espírito encarnado do absoluto autossacrifício (.....) - Gautama Buda - permitíssemos, em algum momento, à S.T. representar a corporificação do egoísmo, o refúgio dos poucos que jamais pensam nos muitos, é uma estranha ideia, meus irmãos. [1]

000

O trecho acima define o caráter do CPED e explica por que motivo a Loja Independente tem uma posição ímpar no movimento teosófico e esotérico internacional no que tange a várias questões.

Alguns exemplos são a capacidade de apontar para a construção de uma civilização fraterna e saudável, de abordar os problemas humanos atuais, de mostrar a necessidade de que a humanidade se liberte das religiões dogmáticas, e também a capacidade de dar elementos para que o movimento aprenda mais com os seus erros, e discuta responsabilmente, de modo transparente, as

questões relativas a pedagogia e epistemologia (estudo da natureza do conhecimento).

Este enquadramento de uma associação teosófica “dentro do campo de observação do radar dos Mestres” é algo a fazer conscientemente por parte de outras associações no futuro. Podemos esperar que com o tempo nosso exemplo seja seguido.

Também é uma possibilidade que o nosso trabalho cresça, embora o tamanho externo crescente não seja bom nem mau em si mesmo. Cabe sobretudo ter um rumo definido e estar claramente enquadrado no campo de observação do “Radar”.

A este respeito, não há dúvida de que o nosso esforço faz parte da *Divisão Especial* abordada nos artigos “**O Quarto Objetivo dos Teosofistas**” e “**Os Verdadeiros Objetivos do Movimento**”. Os dois textos são de interesse para os estudos do CPED porque descrevem uma parte significativa do perfil da LIT.

A Psicologia e a Busca do Discipulado

O seguinte trecho das Cartas define o modo como funciona o discipulado leigo:

000

O aspirante é agora atacado inteiramente no lado psicológico da sua natureza. O processo de testes - na Europa e na Índia - é o da Raja Ioga, e o seu resultado é, como tem sido explicado frequentemente, o desenvolvimento de todos os germes, bons e maus, que há nele e em seu temperamento. A regra é inflexível, e ninguém escapa, quer ele apenas escreva uma carta para nós, ou formule, na privacidade do seu próprio coração, um forte desejo de comunicação e conhecimento ocultos. Assim como a chuva não pode fazer frutificar a rocha, tampouco o ensinamento oculto surte efeito sobre a mente que não é receptiva; e assim como a água aumenta o calor da cal cáustica, também o ensinamento coloca em impetuosa ação todas as insuspeitadas potencialidades latentes no aspirante. [2]

000

Esta passagem das Cartas é das melhores que há em matéria de discipulado. Merece ser estudada com regularidade. E cabe ler o artigo **“Resistência à Mudança, em Teosofia”**.

O Vínculo Magnético Entre Colegas

Há uma interação magnética especial entre colegas de voto, especialmente quando a pedagogia adotada é autêntica.

A interação entre eles expressa o fluir da vida e deve preservar e expandir a sua ligação magnética específica, que é impessoal e buddhi-manásica.

A força do Compromisso individual, assim como a interação entre os colegas de voto, serve para compensar as forças materializantes e boicotadoras do mundo inferior sutil (individual e coletivo). Cabe ter presente neste ponto o texto **“O Poder do Magnetismo”**.

Também útil é **“A Teosofia do Namastê”**.

A interação entre colegas de voto é parcialmente telepática e tem caráter probatório. Não só inspira e ajuda, mas testa e verifica a lealdade impessoal de cada um tal como ela se mostra através dos pensamentos silenciosos e sentimentos.

A autovigilância no que tange a pensamentos sobre colegas de voto torna-se indispensável à medida que a caminhada se aprofunda. Veja-se o artigo **“Aprendendo Com Cada Detalhe da Vida”**, de HPB. Cabe levar em consideração a nota de rodapé **3** do texto **“Oração para Começar o Dia”**, que afirma:

“... Para mandar cargas energéticas positivas a aqueles com quem convivemos ou trabalhamos, e assim construir melhores relacionamentos, podemos inserir neste ponto da oração uma frase dizendo: *‘Além de ser amigo sincero, sou grato, e desejo o melhor para ... (nome da pessoa um, nome da pessoa dois, nome da pessoa três, e assim sucessivamente)’*. A filosofia esotérica ensina que não há distâncias no plano sutil e do pensamento. Portanto, a energia construtiva deste exercício inevitavelmente chegará até as pessoas, ao mesmo tempo que esta prática fortalece a força e o poder da nossa boa vontade deliberada. No caso de um teosofista, o hábito de pensar bem de seus colegas de caminhada é especialmente decisivo para si mesmo e para o trabalho comum. Este exercício opera como um aparelho destruidor de muros, enquanto fortalece uma individualidade amável.”

O estudante do CPED deve ser o seu próprio mestre e discípulo, com autonomia e responsabilidade em relação a disciplina diária: cabe ter presente o artigo **“O Centro do Círculo de Pascal”**. Só a autorresponsabilidade

capacita o estudante a receber ajuda do alto, que virá como o *orvalho da madrugada* e no plano do imperceptível e do imponderável.

(CCA)

NOTAS:

[1] Carta do Maha-Chohan, “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, Ed. Teosófica, pp. 20-21. O texto está disponível em nossos websites sob o título “A Carta do Maha-Chohan”.

[2] “Cartas dos Mahatmas”, volume II, Carta 136, p. 316. Toda a página 316 é importante. Em inglês, veja a edição TUP; trata-se da Carta LXIV, pp. 365-366 (começando à p. 365 logo após a assinatura do Mestre).

000

Lista Parcial de Artigos Vinculados ao CPED e Disponíveis em Nossos Websites:

Antahkarana, a Ponte Entre Céu e Terra - Carlos Cardoso Aveline
A Prática da Presença Divina - Carlos Cardoso Aveline
As Sete Cláusulas de um Compromisso - Carlos Cardoso Aveline
Comentários à Escada de Ouro - Carlos Cardoso Aveline
O Caderno da Vontade - Jean des Vignes Rouges
Theodoro D’Almeida - Confiar na Vida - Carlos Cardoso Aveline
Corpo e Alma, Cavalo e Cavaleiro - Theodoro D’Almeida
A Magia da Ajuda Mútua - Carlos Cardoso Aveline
A Sala de Espelhos - Carlos Cardoso Aveline
Um Segredo do Trabalho Teosófico - Carlos Cardoso Aveline
Um Por Todos e Todos por Um - Carlos Cardoso Aveline
Oração Para Começar o Dia - Carlos Cardoso Aveline
O Mestre Diz Adeus a Besant - Carlos Cardoso Aveline
A Presença Sagrada Junto a Nós - Carlos Cardoso Aveline
A Fraude da Escola Esotérica - Carlos Cardoso Aveline
A Regra da Sinceridade - Um Mahatma dos Himalaias
O Observatório de Luxor - Carlos Cardoso Aveline
O Processo da Osmose Oculta - Carlos Cardoso Aveline
Duas Escolas de Ocultismo - Um Mahatma dos Himalaias
Sobre a Invisibilidade dos Sábios - Carlos Cardoso Aveline
Confiança nos Mestres - John Garrigues

O Muro Que Protege a Humanidade - Carlos Cardoso Aveline
Cartas Confidenciais de Blavatsky - Carlos Cardoso Aveline
Examinando Sete Perguntas - Carlos Cardoso Aveline
Os Chelas - Helena P. Blavatsky
O Que É Iniciação - Alpha
A Busca do Discipulado Leigo - Carlos Cardoso Aveline
Algumas Palavras Sobre a Vida Diária - Um Mestre de Sabedoria
A Palavra dos Iniciados - Carlos Cardoso Aveline (Ed.)
Os Sete Princípios do Movimento - Carlos Cardoso Aveline
A Força de um Compromisso Sagrado - Carlos Cardoso Aveline
Sobre Contatos com Mestres - Carlos Cardoso Aveline
O Discipulado de Hari, o Leão - Marie Louise Burke
A Palavra dos Mahatmas - Carlos Cardoso Aveline (Ed.)
O Discipulado no Século 21 - Carlos Cardoso Aveline
A Bênção Indesejada - Carlos Cardoso Aveline
A Escada de Ouro - Carlos Cardoso Aveline
Vivendo na Atmosfera da Teosofia - Carlos Cardoso Aveline
A Palavra dos Mestres - Carlos Cardoso Aveline (Ed.)
Aprendendo Com Cada Detalhe da Vida - Helena P. Blavatsky
A Palavra dos Sábios - Carlos Cardoso Aveline (Ed.)
Lições das Cartas dos Mahatmas - Carlos Cardoso Aveline (Ed.)
A Carta de 1900, na Íntegra - Um Mestre de Sabedoria
Sentenças dos Padres do Egito - Martinho Bracarense
Regra da Vida Honesta - Martinho Bracarense
Como Encontrar o Mestre - Carlos Cardoso Aveline
Guia de Leitura das Cartas - Carlos Cardoso Aveline
A Carta do Maha-Chohan - Um Mahatma dos Himalaias
Chelas e Chelas Leigos - Helena P. Blavatsky
Sobre o Processo do Discipulado - William Q. Judge
O Significado de um Compromisso - Autor Anônimo
O Caminho do Aprendizado - Parte I - Carlos Cardoso Aveline
O Caminho do Aprendizado - Parte II - Carlos Cardoso Aveline
A Iniciação de Cada Dia - William Q. Judge
Uma Escola Esotérica de Três Mil Anos - Carlos Cardoso Aveline
Os Chelas São “Médiuns”? - Helena P. Blavatsky
As Cartas dos Mahatmas - Carlos Cardoso Aveline

000

2.As Sete Cláusulas de um Compromisso

Examinando o Voto Original da Escola
Esotérica Fundada por Helena Blavatsky

Um artigo de 1888, publicado por H. P. Blavatsky e reproduzido mais tarde em publicações ligadas à Loja Independente de Teosofistas [1], revela o conteúdo do voto feito pelos membros da Escola Esotérica fundada em Londres por H. P. B.

Assinado por “Alguém que Assumiu o Compromisso”, o artigo é especialmente importante para quem busca compreender o processo da aspiração ao discipulado e não pretende aderir às fraudes esotéricas criadas depois de 1895 pela sra. Annie Besant - que rompeu seu compromisso de ser leal à verdade. Annie Besant não falhou isoladamente. Diversos outros líderes cegos adotaram o caminho da fantasia, e vários deles fazem ou fizeram parte do movimento teosófico.

Quando examinado desde um ponto de vista não-burocrático, o compromisso original de 1888 continua cada dia mais válido no século 21, e permanecerá inspiradoramente vivo no futuro. Ele nunca teve validade desde uma perspectiva de letra-morta.

O breve texto possui sete cláusulas, das quais a sétima permaneceu não-numerada. [2]

Para compreender o ponto de vista adotado no presente artigo, o leitor deve levar em conta um fato essencial, esquecido por muitos e lembrado por poucos. De acordo com o ensinado por Helena Blavatsky e pelos Mahatmas dos Himalaias, o estudante só pode obter as qualificações necessárias ao discipulado leigo através da autopreparação e do mérito individual, e não por aderir externamente a qualquer “escola esotérica”.

Em outras palavras, dizer “amém” é inútil. Antes de desejar, é preciso merecer.

O único templo válido para os teosofistas dotados de bom senso está localizado no coração e na consciência de cada estudante. Este é o santuário em que podem ser feitos votos e assumidos compromissos. Por outro lado, os estudantes sinceros que perseveraram estão invisivelmente ligados a um contexto mais amplo e mais elevado. Este ponto é esclarecido pelos Mestres em diversos trechos das “Cartas dos Mahatmas”.

Apresentamos a seguir as sete cláusulas do compromisso da escola esotérica de 1888, com comentários.

1. Eu me comprometo a me esforçar para fazer da Teosofia um fator vivo em minha vida.

No primeiro item, cabe examinar o que é a teosofia. Ela não consiste apenas dos seus ensinamentos escritos, embora tais ensinamentos apontem para ela e - quando são estudados da maneira correta - sejam um mapa eficaz do caminho até ela.

A teosofia é a sabedoria viva e universal presente *sob várias formas* em todas as nações e tradições culturais. É também *a filosofia do altruísmo e do amor à vida eterna, ilimitada*.

A nossa capacidade de compreender a teosofia depende da nossa eficácia ao renunciar a metas inferiores e ao perceber como se desdobra na prática nossa unidade essencial com o Universo. O primeiro compromisso esotérico é portanto o de fazer uma tentativa constante de **viver** o ensinamento na existência diária.

O esforço não deve estar limitado ao curto prazo. Nada de espetacular ocorre quando um estudante toma uma decisão séria e profunda em relação à sua vida espiritual. Testes grandes e pequenos surgirão a seu tempo, assim como virá a ajuda do seu próprio eu superior, sempre de acordo com as possibilidades cármicas do momento em que ele vive.

A segunda cláusula do Compromisso feito pelo estudante perante sua própria consciência diz o seguinte:

2. Eu me comprometo a apoiar, diante do mundo, o movimento teosófico, os seus líderes e os seus membros.

O movimento teosófico não é uma corporação ou estrutura burocrática. Tal como definido por William Q. Judge [3], ele é a comunidade dos seres que buscam construir um futuro melhor e mais fraterno para a atual humanidade. O movimento inclui os estudantes sinceros e dedicados da teosofia moderna, mas não está limitado a eles. Um axioma afirma que há verdadeiros teosofistas que não são membros do movimento teosófico visível, e há membros do movimento teosófico organizado que não são verdadeiramente teosofistas.

Por que motivo eu deveria, então, para buscar um aprendizado ético mais elevado, fazer o que está a meu alcance para *ajudar a comunidade parcialmente invisível das almas sábias que ajudam a humanidade?*

A resposta é epistemológica: relaciona-se com a natureza do conhecimento que estou buscando. A substância do conhecimento teosófico não está nas palavras. O território onde ele existe e vive é o altruísmo. O discipulado só pode ocorrer numa dimensão universal ou planetária de altruísmo.

Discipulado implica provação. Devo apoiar diante do mundo o real movimento teosófico e seus verdadeiros ensinamentos. Talvez seja necessário combater ilusões ritualísticas e outras formas de ignorância organizada. Ao fazer isso, enfrentarei um determinado número de perigos e obstáculos. Graças a eles, purificarei minhas motivações. Gradualmente eliminarei minha própria ignorância espiritual enquanto ajudo outros a avançar na mesma direção.

O caminho para a sabedoria é naturalmente íngreme e cheio de desafios. Os caminhos confortáveis levam a outros lugares. O autossacrifício inteligente por uma causa nobre expande a influência do eu superior na vida diária do indivíduo. Ele também capacita o estudante para *merecer ajuda interna* e alcançar conhecimento direto sobre as leis do universo.

A terceira cláusula aprofunda o compromisso, tornando obrigatório o autotreinamento em coragem moral. Agora o estudante afirma:

3. Eu me comprometo a nunca escutar sem protestos alguma coisa má ser dita sobre um irmão teosofista, e a me abster de condenar outros.

Cabe examinar o que, exatamente, é uma “coisa má”, dita sobre um irmão ou irmã.

Uma *coisa má* é uma falsidade ou uma crítica inverdadeira. A intenção das palavras é destrutiva, e a pessoa que comete esta ação frequentemente não assume responsabilidade pelo que falou. A falsidade pode ser dita de modo ostensivo ou pode ser insinuada de modo venenoso, sob a aparência de um comentário inocente e feito de passagem. Ataques disfarçados trazem testes difíceis para o discernimento do estudante. A crítica destrutiva pode ser objeto de uma *sugestão* sutil feita sob camadas de amizade recíproca, evitando assim uma análise racional. A crítica sincera, por outro lado, é aberta, fundamentada, e permite que a pessoa criticada se defenda e esclareça seu ponto de vista.

A terceira cláusula não proíbe a diversidade de opiniões. Se um companheiro de caminhada está errado, ele será decisivamente ajudado pela minha sinceridade.

O diálogo livre e a abertura do grupo para a honestidade mútua impedem a hipocrisia. A sinceridade deve ser administrada com cuidado. Ela não é um sinal verde para críticas pessoais, que devem ser evitadas.

Cada estudante tem aspectos mais claros e mais escuros em seu carma pessoal. Em uma associação de buscadores da verdade, as pessoas devem admitir que são humanas. É correto o exercício da humildade a respeito das suas falhas: o movimento teosófico não precisa de sepulcros caiados. Por outro lado, a mira constante no ideal de progresso e perfeição humanos [4] constitui um fator essencial.

Pensar excessivamente nos erros dos outros - que às vezes são imaginários - é resultado de uma dificuldade de cumprir o nosso próprio dever e de desenvolver as nossas potencialidades criativas.

Toda crítica deve estar limitada a questões filosóficas. Enquanto houver boa vontade e honestidade em um estudante, ele está OK e suas qualidades positivas devem ser estimuladas, ainda que o processo probatório torne alguns dos seus defeitos bastante visíveis durante algum tempo.

A ajuda mútua ao longo do caminho exige bom senso. Os estudantes devem concentrar-se na filosofia da verdade e da compaixão universais e pensar bem uns dos outros, enquanto mantêm um olhar severo diante das falhas humanas, usando tal severidade com cautela.

É correto exercer especial vigilância quando surgem pensamentos amargos em relação aos erros e defeitos que enxergamos em nossos colegas de caminhada. Se há mais amargura que serenidade em meu pensamento, devo perguntar-me qual é a minha própria frustração pessoal que estimula a perda da atitude construtiva. Em que aspectos devo aumentar meu próprio autorrespeito, de modo a respeitar mais os outros? Como posso estimular o melhor em cada um dos meus colegas? Os erros são superados através do fortalecimento daquilo que é saudável. Um fator altamente salutar é o espírito crítico que resulta da confiança na vida.

Nenhum ataque injusto e inverdadeiro contra os fundadores do movimento teosófico pode ser aceito, nem sequer indiretamente, em circunstância alguma. Sejam disfarçados ou não, tais ataques prejudicam diretamente o centro da aura magnética do movimento, tirando-o do rumo correto e fazendo com que os seus líderes absorvam o carma indescritivelmente infeliz da deslealdade para com a verdade, para com seus próprios eus superiores, e para com instrutores sagrados.

Uma lealdade sincera e inteligente em relação às nossas fontes de inspiração mantém a aura do movimento equilibrada e cria uma atmosfera favorável para uma boa aprendizagem. O sentimento de gratidão produz harmonia entre colegas de estudo. Agradecer de coração é um privilégio cármico e uma bênção no plano individual. Desta forma, o aspirante à sabedoria esotérica passa a estar à altura da próxima cláusula do compromisso.

4. Eu me comprometo a manter uma luta constante contra minha natureza inferior, e a ter compaixão pelas fraquezas dos outros.

Não há necessidade de acentuar conflitos neuróticos ao longo do caminho teosófico. Nossa natureza inferior ou “eu instintivo” merece respeito. Trata-se de um instrumento valioso na vida física e emocional.

Devo assumir o compromisso de manter uma luta constante contra os impulsos pouco sábios e os maus hábitos que haja em minha natureza inferior. A meta não é “aniquilar”, desrespeitar nem agredir o meu eu inferior ou corpo físico através de ascetismos exagerados. [5] Sadomasoquismo não é uma atitude filosófica.

A teosofia e o budismo ensinam o caminho do meio e da moderação. Um calmo processo de autopurificação permite que a luta seja constante. O progresso gradual constrói vitórias sustentáveis.

Se vejo minha autopurificação como prioridade, terei tarefas suficientes para fazer na busca desta meta, e interferir com a vida de outras pessoas não será um objetivo central. Posso tentar ajudar meus colegas, assim como eles estão convidados a ajudar-me.

O estudante deve ter compaixão, portanto, pelas fraquezas dos outros. Por outro lado, é seu dever lutar contra todo abuso de seres inocentes. O nazismo, o antissemitismo e outras formas de comportamento criminoso não poderão ser aceitas sob o pretexto da compaixão mencionada na quarta cláusula.

Ter compaixão pelas fraquezas dos outros significa que cada estudante irá estimular neles as suas melhores potencialidades. Isso inclui estimulá-los a ver seus próprios erros. Ao defender a ética, o estudante deve deixar claro que a sua própria perspectiva está em desenvolvimento e necessita ser constantemente melhorada. Um diálogo honesto e construtivo é essencial entre amigos sinceros e co-discípulos, à medida que eles aprendem uns com os outros de várias formas. E isso nos leva à próxima cláusula.

5. Eu me comprometo a fazer tudo o que estiver ao meu alcance, através de estudo e de outros meios, para preparar-me de modo que possa ajudar e ensinar a outros.

Este nível do compromisso aborda a pedagogia da aprendizagem teosófica. Devo expandir meus conhecimentos e preparar-me para ensinar outras pessoas com eficácia, inclusive através do meu exemplo.

Como todos os seres estão em unidade cármica, é ajudando os meus semelhantes que posso realmente ajudar a mim mesmo. O progresso individual

é obtido à medida que eu tenho como meta de longo prazo ajudar os outros em suas tentativas de encontrar a felicidade.

Se desejo alcançar a bem-aventurança, devo deixar de lado o sentido de “eu” separado. A *consciência em mim* que alcança a libertação é impessoal. Este nível de percepção da vida já é a própria liberdade: meu eu inferior deve apenas colocar-se em harmonia com ele.

Um aspecto importante da cláusula cinco está no fato de que, ao preparar-me para ajudar outros, devo fazer “tudo o que estiver ao meu alcance”. Necessito, portanto, calcular bem as minhas forças: é preciso decidir o que está ao meu alcance, e o que não está.

A qualidade da concentração deve ser fortalecida. Uma mente dividida tem pouca utilidade. Os aspectos autocontraditórios da minha mente devem ser compreendidos e alquimicamente transmutados. Desenvolver a concentração significa abandonar ou adaptar o que é de importância secundária e dificulta a realização da meta central.

Enquanto buscamos a luz, pontos obscuros surgirão. É quando tentamos enxergar que os pontos cegos são direta ou indiretamente revelados. Inicialmente os obstáculos podem parecer invencíveis, mas a ideia é falsa.

A paciência de fazer sempre o melhor que podemos a cada instante constitui uma das chaves decisivas da vitória. O verdadeiro progresso ocorre no longo prazo e de maneira frequentemente invisível.

O penúltimo aspecto do compromisso é um desdobramento natural dos itens anteriores.

6. Eu me comprometo a dar todo o apoio que puder ao movimento em tempo, dinheiro e trabalho.

A cláusula número seis se refere ao fato de que a vida concreta do aspirante à sabedoria deve estar dedicada a uma causa nobre. Muitos que dedicam as suas vidas a metas pessoais sentem o preço asfixiantemente alto que o indivíduo paga por estar preso a horizontes estreitos.

Há uma relação direta entre a *substância da nossa alma* e a *natureza das nossas metas* na vida. Os objetivos generosos expandem e libertam a mente. Eles mostram que nossas possibilidades espirituais são ilimitadas. E nisso uma boa dose de realismo é indispensável.

Em qualquer encarnação, há muitos tipos e níveis de objetivos a serem buscados. O eu inferior tem uma importância decisiva. Os seus horizontes são legítimos, na medida em que a minha alma for honesta. O valor das metas do

meu eu inferior aumenta na medida em que elas se tornam parte de uma visão maior da vida e se colocam em harmonia com um propósito nobre e impessoal.

Não basta tomar a decisão de “dar todo o apoio que puder” ao projeto de ajudar a humanidade a dar novos passos na direção da fraternidade universal. Como vimos na cláusula anterior, eu preciso também decidir o que é exatamente que eu posso e não posso fazer nesta direção. A decisão é complexa, por causa da natureza intangível do meu potencial ilimitado.

No começo, as possibilidades práticas serão pequenas. Isso não importa. Ações pontuais de cooperação sincera são seguras e dão bons resultados. Devemos usar nosso discernimento quanto às ações a serem desenvolvidas.

Apoiando calmamente um projeto altruísta que consideramos eficaz, as nossas potencialidades se desenvolvem. Aos poucos o horizonte se expande. O bom carma da ação correta nos protege cada vez mais, e o processo vivo da paz incondicional se expande, assim como aumenta a necessidade de vigilância.

O sétimo item do Compromisso feito pelo estudante perante sua própria consciência não está numerado no texto de 1888. Referindo-se às seis cláusulas anteriores, ele diz o seguinte:

7. Que Assim Me Ajude o Meu Eu Superior.

A cláusula final estabelece a natureza interna do compromisso e indica “na presença de quem” ele é selado.

O voto não é uma promessa feita a este ou aquele líder, guru ou deus. Não é um compromisso com o diretor de alguma escola esotérica.

Trata-se de uma decisão individual, feita pelo estudante perante sua própria consciência, o seu eu superior, sua alma espiritual.

Os seus companheiros de caminhada podem ser testemunhas desta decisão. Mas o templo diante do qual o voto é feito está no seu próprio coração. É o antigo e sagrado Templo da Autorresponsabilidade. [6]

A sétima cláusula evoca Antahkarana, a ponte viva entre o eu inferior e o eu superior de cada ser humano. O contato com o mais alto é ampliado com maior rapidez através da prática diária dos seis itens anteriores. [7]

Em geometria, este compromisso de sete cláusulas tem uma relação com a estrela de seis pontas das tradições oriental e judaica.

A sétima cláusula do compromisso é oculta, ou essencial. Ela permanece não-numerada nos textos teosóficos. Do mesmo modo, a sétima e invisível ponta da *estrela de seis pontas* está no seu centro, e não pode ser percebida nem compreendida através da lógica comum.

Assim como o dinamismo da estrela oriental-judaica contém a roda da vida, cujo centro está por toda parte, o dinamismo das seis cláusulas numeradas do compromisso teosófico é garantido pela sua sétima cláusula, a cláusula central, que evoca o eu superior do estudante.

Nossa alma espiritual transcende locais geográficos ou situações particulares no tempo. Ela é universal, impessoal, e não tem sentido de separação. Ela é a luz divina em nossa consciência. Tentar escutá-la é uma decisão correta.

O processo de ampliação do contato com o nosso próprio eu superior é inseparável de uma longa série de testes que desafiarão o nosso discernimento e a nossa determinação. Em outras palavras, devemos aprender, e avançar, enquanto enfrentamos provações. Ao longo da caminhada, morrerá em nós apenas aquilo que não é imortal.

(CCA)

NOTAS:

[1] O texto “O Significado de um Compromisso” foi publicado pela primeira vez por H. P. Blavatsky em setembro de 1888. Foi reproduzido na revista “Theosophy”, de Los Angeles, nas edições de novembro de 1914 (pp. 25-29) e dezembro de 1953 (pp. 53-58); e por “The Aquarian Theosophist”, em janeiro de 2013. O artigo está disponível em www.FilosofiaEsoterica.com e seus websites associados.

[2] Sobre a aspiração ao verdadeiro discipulado, veja em nosso website www.FilosofiaEsoterica.com a seção temática “Mahatmas, Discípulos e a Busca do Discipulado”. Leia o texto “Sobre Contatos com Mestres”.

[3] O artigo “O Movimento Teosófico”, de William Q. Judge, está disponível em nossos websites.

[4] Leia o artigo “Comentários à Escada de Ouro”, que está disponível nos websites da Loja Independente de Teosofistas.

[5] Veja sobre este tema o artigo “O Respeito Pelo Eu Inferior”.

[6] Leia o texto “A Força de um Compromisso Sagrado”.

[7] A velocidade aumentada acentua os desafios do caminho.

000

3.Examinando Sete Perguntas

Uma Reflexão Sobre Autorresponsabilidade

O estudante de filosofia esotérica dispõe de alguns meios e métodos pelos quais pode obter a sabedoria de modo gradual e seguro. Um dos Aforismos de Ioga de Patanjali afirma:

“A cognição correta resulta de percepção, dedução e testemunho.”[1]

O exercício a seguir consta de sete perguntas e inclui a prática da dedução, ou inferência. Ele pode e deve ser realizado regularmente. Em diferentes momentos da vida do estudante, as respostas ou sentimentos em relação a estas questões serão diversas. Se ele anotar e registrar a data das suas reflexões, poderá perceber ao longo do tempo a evolução das suas reações pessoais diante dos temas levantados.

As cinco perguntas iniciais são:

1) No meu estágio atual de aprendizagem de teosofia, de que modo eu respondo à pergunta sobre se os Mestres de Sabedoria existem, de fato? Posso e devo ser sincero comigo mesmo, porque o caminho da sabedoria começa com a renúncia à autoilusão.

2) Se os Mestres de Sabedoria existem, eles observam a humanidade? O que é que eu, como indivíduo independente, penso e sinto a respeito?

3) Caso os Mestres observem a humanidade, será que eles acompanham com especial atenção o movimento teosófico moderno, que eles próprios fundaram cuidadosamente no século 19, através de discípulos como Helena Blavatsky e outros?

4) Se os Mahatmas observam o movimento teosófico, será que eles têm mais afinidade com aquele nível externo de atividade teosófica falsificada, que gira em torno de coisas como poder pessoal, rituais espúrios, ambição e vaidades? Ou será que eles preferem aquela parte do movimento teosófico que estuda atentamente e tenta vivenciar o ensinamento original transmitido por eles?

5) E quando os Mestres observam o movimento teosófico original, será que eles observam com mais nitidez aquela parte do movimento que apenas memoriza e repete as obras originais e autênticas, tentando vivenciá-las? Ou eles dão mais atenção àqueles setores que, além de fazer isso, olham para a situação atual da humanidade e para o futuro da civilização à luz do ensinamento original, discutindo - de modo crítico e construtivo - o dever e o futuro do movimento?

As perguntas acima merecem uma cuidadosa observação. É útil levar em conta que H. P. Blavatsky escreveu o seguinte no capítulo 14 da obra “A Chave da Teosofia”:

“Os Mestres olham para o futuro, não para o presente, e cada erro de hoje significa apenas mais sabedoria acumulada nos dias que virão.” [2]

Concluída esta etapa, cabe avaliar duas questões que dizem respeito ao próprio estudante. Elas convidam a um autoexame tão honesto quanto possível, porque toda aprendizagem implica um dever ético. O conhecimento que é mal usado, ou que não é usado, não é real conhecimento.

As perguntas finais são:

6) Considerando que a responsabilidade do movimento teosófico e dos Mestres de Sabedoria em relação ao futuro da humanidade é um fato comprovado, será que eu tenho real consciência do que significa atuar, como indivíduo, dentro do “campo de observação” dos Mestres de Sabedoria? Como eu me sinto, pessoalmente, quando penso nessa possibilidade e nessa responsabilidade?

7) Cabe examinar, a seguir, se compreendo pelo menos algumas das implicações práticas de uma regra mencionada na literatura esotérica. O axioma afirma que “o candidato a discípulo não deve preocupar-se em ‘encontrar o Mestre’; mas deve, isso sim, tomar as medidas práticas para que, quando o Mestre observe sua aura, a encontre correta e preparada para trilhar o caminho impessoal do dever para com todos os seres.”

O axioma está bem documentado. A obra “Luz no Caminho”, de M. C., afirma:

“É fácil dizer, ‘não serei ambicioso’. Não é tão fácil dizer, ‘quando o Mestre examinar o meu coração, ele o encontrará completamente limpo’.” [3]

Apontando na mesma direção, Helena Blavatsky aconselha no seu texto “Chelas e Chelas Leigos”[4]:

“Antes de desejar, faça por merecer”.

A vida segue a lei da simetria, e a simetria inclui frequentemente o paradoxo. Na experiência de encontro com fontes superiores de inspiração, o estudante vê com toda nitidez, compreende, e abandona, o que há de pior e mais desagradável em si, o seu “esquema de reprodução da dor”. Esta vivência pouco agradável é um efeito colateral do fato de que ele está passando por uma experiência essencial de encontro consigo mesmo.

No primeiro parágrafo do livro “Luz no Caminho”, o estudante lê as seguintes advertências:

“Antes que os olhos possam ver, eles devem ser incapazes de lágrimas. Antes que o ouvido possa ouvir, ele deve ter perdido sua sensibilidade. Antes

que a voz possa falar na presença dos Mestres, ela deve haver perdido o poder de ferir. Antes que a alma possa erguer-se na presença dos Mestres, os seus pés devem ser lavados com o sangue do coração.” [5]

Duramente golpeado pela força surpreendente da sua própria ignorância, que só agora ele compreende melhor, o estudante persevera na ação correta independentemente das circunstâncias externas. Deste modo ele descobre e passa a viver em unidade crescente com a mais profunda substância do seu próprio ser interior - que não é “seu”, mas é universal.

E a ignorância começa a dissolver-se lentamente no ar, destruída de um lado pelo fogo da provação, e de outro pelo bom carma da ação adequada.

(CCA)

NOTAS:

[1] “Aforismos de Ioga, de Patañjali”, William Q. Judge, edição online de www.FilosofiaEsoterica.com, Livro I, Aforismo 7.

[2] “The Key to Theosophy”, Theosophy Co., Los Angeles, ver p. 299.

[3] “Luz no Caminho”, de M. C., Tradução, Prólogo e Notas de Carlos Cardoso Aveline, The Aquarian Theosophist, Portugal, 2014, 85 pp., ver p. 20.

[4] O artigo “Chelas e Chelas Leigos” está disponível em nosso website www.FilosofiaEsoterica.com.

[5] “Luz no Caminho”, de M. C., The Aquarian Theosophist, 2014, ver p. 19.

000

4. Comentários Finais

* **A** cada nova leitura atenta, o texto “**Os Princípios Básicos do CPED**” trará mais insights e percepções renovadas do Caminho e da prática diária. Os artigos citados no Caderno devem ser vistos como extensões naturais do seu conteúdo. São ferramentas que o ampliam.

* **O** enfoque do CPED está presente nos textos de nossos websites que abordam o tema da disciplina diária. Fazem parte do *Mapa do Caminho* do CPED as obras de Helena Blavatsky, as **Cartas dos Mestres de Sabedoria**, as

Cartas dos Mahatmas, os escritos de John Garrigues e de Martinho Bracaraense, e de outros autores publicados em nossos websites.

* **“A Doutrina Secreta”** é uma obra iniciática por excelência, e por isso central para o CPED. O fato é deixado relativamente claro no texto original da obra em si e nas notas de tradutor da nossa edição passo a passo. Os três primeiros capítulos de **“A Chave da Teosofia”**, de HPB, dão indicações valiosas sobre a escola esotérica. Eles estão publicados em nossos websites.

* Em inglês, temos um registro do processo probatório da Escola Esotérica durante os anos 1888-1891, na correspondência (na época) altamente reservada entre HPB e William Q. Judge. São hoje as 19 parcelas da série **“Letters Between Blavatsky and Judge”**, com comentários. A série está publicada nos websites da LIT. Seus documentos transmitem lições de valor incalculável.

000



O CPED é o Círculo de Pesquisa e Estudo sobre o Discipulado.

Os interessados em saber mais sobre o Círculo podem escrever para a LIT.

000



Loja Independente de Teosofistas

“Um grupo ou loja, ainda que pequeno, não pode ser uma Sociedade teosófica -- a menos que todos os seus membros estejam magneticamente ligados uns aos outros pela mesma maneira de pensar pelo menos em uma direção ...”.

Imagem reproduzida do original manuscrito da Carta C (100) in “**Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett**”, T. U. P., Pasadena, Califomia, USA, p. 222:

A group or branch however small, cannot be a theosophical Society - unless all the members in it are magnetically bound to each other, by the same way of thinking at least in some one direction

(Uma cópia completa do original da Carta foi obtida da British Library pelos fundadores da LIT)

000

Transcrição em inglês do fragmento acima:

“A group or branch, however small, cannot be a theosophical Society - unless all the members in it are magnetically bound to each other, by the same way of thinking at least in some one direction...”.

000

EVITE INTERMEDIÁRIOS. Construa o seu próprio acesso direto à sabedoria eterna. Ingresse no **SerAtento** em Google Groups, e expanda um pouco o seu horizonte a cada dia: <https://groups.google.com/g/seratento> .